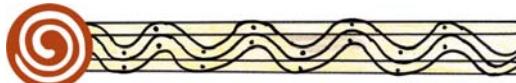


MUSEU A VIVO

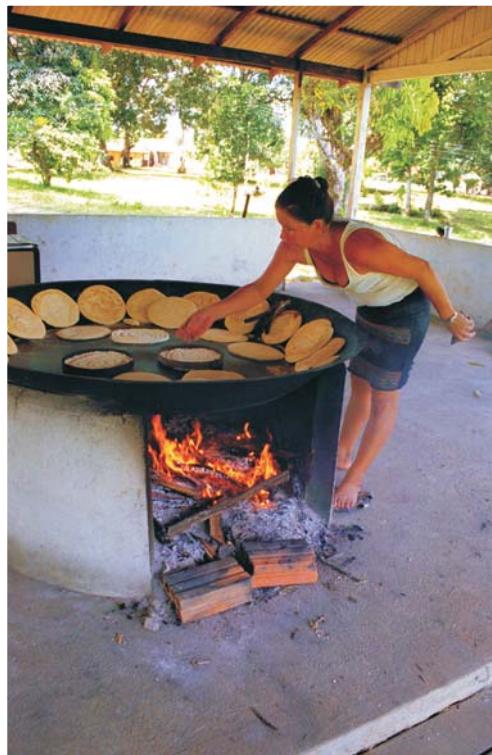
INFORMATIVO DO MUSEU DO ÍNDIO / FUNAI • ANO 18 • NÚMERO 29 • NOVEMBRO DE 2006 A ABRIL DE 2007

DESTAQUE



**Em cartaz no Museu do Índio:
Exposição sobre os Povos Indígenas do Oiapoque**

Página 2



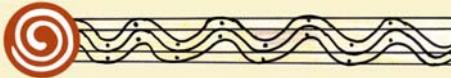
PESQUISA



Antropóloga Lux Vidal

Página 4

EDITORIAL



A 29ª edição do Museu ao Vivo dá as boas vindas ao novo ano e convida seus leitores a conhecer as culturas dos povos indígenas do Oiapoque: os Karipuna, Palikur, Galibi-Maworno e Galibi-Kali'na. A diversidade e a riqueza de suas expressões culturais e de sua cosmologia serão retratadas na próxima mostra "A presença do invisível na vida cotidiana e ritual dos Povos Indígenas do Oiapoque" que inaugura no Museu em maio deste ano. A exposição é mais uma contribuição da instituição para o reconhecimento e salvaguarda do patrimônio cultural imaterial dos grupos indígenas. A curadora Lux Vidal, em seu artigo na página 4, detalha a exposição e ressalta o desejo dos próprios índios de renovar e fortalecer o seu patrimônio cultural tradicional. Esperamos vocês para uma visita neste contexto de vivência indígena. Até lá.

Assessoria de Comunicação Social

MUSEU AO VIVO

Ano 18 | Nº 29 | Novembro de 2006 a Abril de 2007

Informativo do Museu do Índio/FUNAI
Editado pela Assessoria de Comunicação Social do Museu do Índio

Presidente da República
Luiz Inácio Lula da Silva
Ministro da Justiça
Tarso Genro
Presidente da FUNAI
Márcio Augusto Freitas de Meira

Diretor do Museu do Índio
José Carlos Levinho

Assessoria de Comunicação Social
Redação / Revisão
Cristina de Jesus Botelho Brandão
(Reg. Prof. RJ 15633 JP)
Marta Gontijo Chalu Barbosa
Rosângela de Oliveira Abrahão
(Reg. Prof. RJ 16125 JP)
Carolina Leal (estagiária)

Fotos: **Lux Vidal, Ugo Maia, Miguel Chaves, Paulo Capolla, Francisco Simões Paes**

Padrão gráfico: **Mak Lexel Toxzi**
Editoração: **MURO Produções Gráficas**

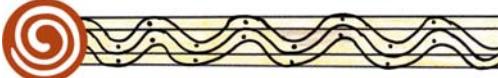
5 mil exemplares

Rua das Palmeiras | 55 | Botafogo
CEP 22270-070 | Rio de Janeiro, RJ
Telefone 21 2286-8899
comunicacao@museudoindio.gov.br
www.museudoindio.gov.br

Museu ao Vivo não se responsabiliza por conceitos em matérias assinadas ou entrevistas.



DESTAKE



Museu do Índio valoriza com inovações cênicas patrimônios culturais dos índios do Norte do Amapá



A próxima exposição, de longa duração, do Museu do Índio apresenta os patrimônios culturais dos índios do Norte do Amapá, habitantes da bacia do rio Uaçá e do baixo curso do Rio Oiapoque. A mostra inaugura, no dia 25 de maio, no casarão central, sob a curadoria da antropóloga Lux Vidal, exibindo, em 12 ambientes, um acervo de 200 bens culturais como chapéus, cuias, colheres, escudos, bordunas, armas, cerâmicas, bancos-esculturas, cestarias e outros artefatos que possibilitarão a ampliação do conhecimento dos modos de vida desses povos.

Recorrendo a tecnologias de reprodução de efeitos da natureza como chuva, vento, cheiros, fumaça e estrelas de luz representando a noite e o dia, a exposição pretende aliar tradição e modernidade em uma caracterização teatral dos ambientes. Como num filme ou numa peça, o pú-

blico é convidado a interagir dinamicamente nas passagens arquitetônicas e ritualísticas propostas em todo o percurso da exposição.

A exposição é uma iniciativa do Museu do Índio/FUNAI que objetiva a valorização cultural dos grupos indígenas do Norte do Pará, oferecendo ao público a oportunidade de conhecer a sua rica cosmologia. A mostra, realizada em parceria com a Associação dos Povos Indígenas do Oiapoque – Apio e com o Instituto de Pesquisa e Formação em Educação Indígena – Iepé, conta com o patrocínio do BNDES.



Saiba mais

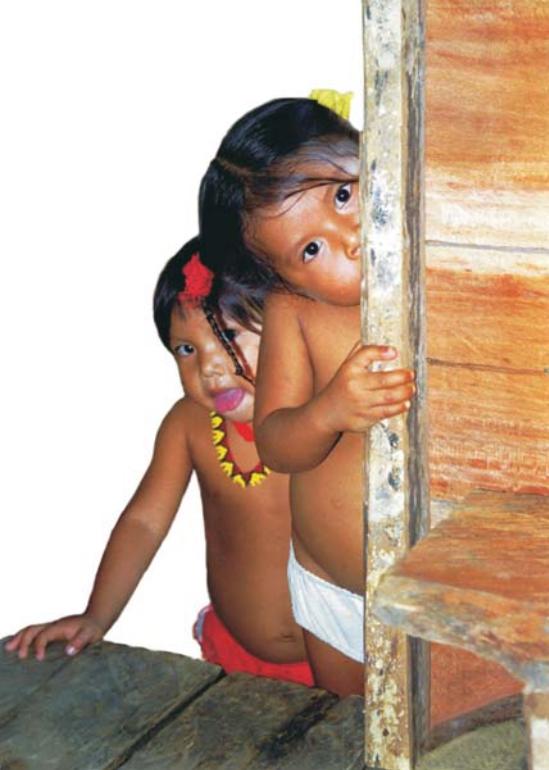
O Amapá foi o estado pioneiro no reconhecimento dos direitos indígenas, portanto, todas as terras indígenas da região foram demarcadas e homologadas. Os índios do Oiapoque habitam as terras Uaçá, Juminá e Galibi do Oiapoque, onde existem cerca de 40 aldeias.

Historicamente, essa região é de intenso contato entre as distintas populações. Essas relações de troca e contato, que proporcionaram ganhos culturais e até a fusão de certos grupos, não deixaram de existir e estenderam-se para o outro lado da fronteira, em direção à Guiana Francesa e ao Suriname. Os Palikur, por exemplo, também habitam a região da Guiana.

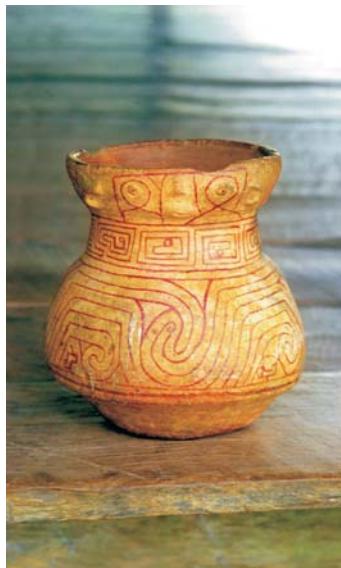
O quadro lingüístico da região é formado, basicamente, por duas grandes famílias linguísticas: Aruáque e Caribe, mas também são encontrados falantes de línguas crioulas (ou patuá). O intenso contato entre os povos no local diversificou esse quadro. Atualmente, para se comunicar com os não-indígenas, existem povos que utilizam até mesmo o português e o francês.

Por terem como característica a mobilidade, as sociedades indígenas do Oiapoque possuem ciclo produtivo mais diversificado. Dessa forma, a base de subsistência não é formada apenas pelo cultivo de roças e atividades de caça, mas também pela pesca, coleta, troca de produtos entre as tribos e até mesmo comércio com as demais regiões não-indígenas.

ESPIANDO A EXPOSIÇÃO



Sala da cerâmica



Sala dos chapéus



Joalheria



Sala do Turé
Caxiri

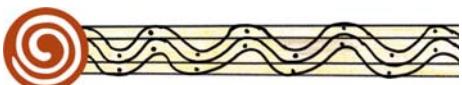


Objetos e marcas



Corredor Maracás

PESQUISA



DESENHOS: ISMAEL EMILIO

A presença do invisível na vida cotidiana e ritual dos Povos Indígenas do Oiapoque

Os Povos Indígenas do extremo norte do Amapá, habitantes da bacia do rio Uaçá e do baixo curso do rio Oiapoque – Karipuna, Palikur, Galibi-Marworno e Galibi-Kali’na – são o resultado de várias migrações e fusões antigas e mais recentes. São portadores de tradições culturais heterogêneas, histórias de contato e trajetórias diferenciadas, assim como suas línguas e religiões. Mesmo assim estes povos têm conseguido conviver e construir, ao longo do tempo, ricos espaço de interlocução. Os quatro povos somam uma população de cinco mil índios distribuídos em inúmeras aldeias e localidades, nas Terras Indígenas Uaçá, Galibi e Juminã. Estas terras indígenas, demarcadas e homologadas, configuraram uma grande área contínua, cortada a oeste pela BR-156, que liga Macapá a Oiapoque.

Segundo os mitos indígenas, toda esta paisagem é habitada por seres humanos, animais e vegetais e seres do “outro mundo” em contínuo processo de negociação e metamorfose, especialmente pela intermediação dos pajés que entram em con-

tato com os *karuâna* dos bichos e, encantados, praticam as curas e realizam o ritual indígena do Turé. Um mundo predominantemente aquático, cuja cosmologia privilegia os seres sobrenaturais que habitam o fundo das águas.

Nesta exposição, a ser inaugurada em maio no Museu do Índio, serão ressaltados os aspectos de origem indígena, pelo desejo dos próprios índios e pela consciência que hoje possuem do valor de um patrimônio cultural tradicional, específico, apesar de heterogêneo e que poderia, se não renovado e fortalecido, vir a desaparecer.

O conceito geral da exposição é apresentar, em duas salas, a cada extremo do espaço museográfico, duas importantes instalações, centros de atividades fundamentais para estes povos. De um lado, o espaço do *lakuh* (o pátio), onde é realizado o ritual do Turé, e de outro, a casa, onde se realizam, além das atividades domésticas, a prática de curas tradicionais. Os dois espaços estão relacionados ao mundo invisível pela presença do xamã ou pajé e da atividade xamânica ou pajelança. No *lakuh*, o espaço mais valorizado museograficamente, por ser público, é realizado o ritual do Turé em homenagem e agradecimento aos *karuâna*, espíritos amigos e auxiliares do xamã, pelas curas concedidas ao longo do ano aos seus seguidores e clientes.

Uma importante coleção de peças dos Povos Indígenas do Oiapoque foi adquirida pelo Museu do Índio, primeira coleção completa e representativa destes povos. A

aquisição das peças é um estímulo à produção artística e possibilita dar visibilidade, em um ambiente museográfico, à parte da produção resultante das oficinas dos projetos de fortalecimento cultural. A realização desta exposição será, para os índios do Oiapoque, uma oportunidade de divulgar seu modo de vida e terá um caráter de experiência e aprendizado, tanto para o gerenciamento do Museu dos Povos Indígenas, em Oiapoque, como para a formação de pesquisadores indígenas interessados em gerir seu próprio patrimônio cultural e ambiental.

Na sua inauguração, a exposição contará com a participação de representantes indígenas, que terão a oportunidade de apresentar o ritual do Turé e acompanhar o processo de organização de um grande evento, que terá por intuito mostrar a relação muito estreita entre os conhecimentos do ecossistema, a cosmologia e a mitologia indígenas e as produções artísticas e estéticas. Tudo o que expressa esta contínua “artisticidade” na cerâmica, nos grafismos sonhados pelo xamã, nas marcas das cuias, na plumária e ornamentação ritual, nos instrumentos musicais, nos grandes bancos e mastros esculpidos e na cestaria, objetos todos utilizados nos rituais, objetos visíveis, tangíveis de uma realidade que também existe em uma outra dimensão, no invisível.

Lux Vidal

Antropóloga, curadora da exposição, USP/Iepé

O QUE VEM POR AÍ

- “Museu do Índio e Patrimônio Cultural Indígena” é o tema escolhido para a atividade que a instituição vai apresentar, em maio, durante a Semana de Museus 2007, promovida pelo Departamento de Museus e Centros Culturais do Iphan.
- Exposições do MI já estão viajando pelo País. A programação começou, em março, com a chegada à UFRGS da mostra “A’uwê Xavante: Múltiplos Olhares”. Em junho, “Tempo e Espaço na Amazônia: os Wajápi” será levada à Macapá, enquanto, no segundo semestre, duas mostras recém-criadas sobre o Centenário da Terceira Expedição da Comissão Rondon chegam ao Distrito Federal. Elas serão apresentadas, a partir de outubro, no Palácio do Planalto e no Superior Tribunal de Justiça.